FRESTA NENHUMA: Rubens da Cunha[1]
(rubensdacunha@hotmail.com)

Desmergulhou. Riu da ideia. Matar-se ao meio-dia, não valia à pena. Mergulha mais um pouco. Mar bom. Mar fêmea igual a ela. Sol demais, Arnaldo odeia-se. Salva-vidas? inferno de gente farofada nesse inferno de praia. O que aquela mulher tá fazendo lá? Mulher se afogando, inferno, tomara que morra antes que eu chegue. Multidão ao redor. A mulher dá sinal de vida. Arnaldo acalma-se, vamos chamar a ambulância. Inferno. Ela chega na praia e ainda vê o burburinho: mar perigoso, tem gente que brinca com o mar, eu tinha um primo que nadava que era uma beleza... se afasta das vozes, caminha molhada, ri mais um pouco a ponto de lhe apontarem, de virarem a cabeça para ver a mulher louca rindo. Não liga, a meia-hora era quase uma suicidada, agora viva, salgada como devem ser os vivos. Arnaldo no seu posto, os colegas salva-vidas, bronzeados, felizes por estarem fazendo um bem, como se essa profissão fosse grandes merdas, inferno, por que me meti nisso, e agora? vou sair como? resolve dar uma volta, vou lá naquele canto das pedras dar uns esporros nuns pirralhos para aliviar a tensão. Inferno. Ela resolve nadar mais um pouco, dessa vez perto das pedras, ali as águas parecem mais carinhosas, um carinho agressivo que se dá entre água e pedra, é arriscado, sabe, mas está viva, está lotada de desejo, porque não ir um pouco onde o amor se metaforiza perfeitamente, eu que nunca tive amor de homem inteiro, sempre pela metade, sempre cheios de talvez, tenho que me aproximar é dos fortes. E nada, braçadas largas, intempestiva. O sol gadunha a tarde de domingo. Arnaldo pede para uns adolescentes saírem de perto das pedras, eles apontam para a mulher. Merda de vida, inferno de praia.

O cinzeiro voa e se espatifa na porta. Arnaldo avança, sua filhadaputa, e bate na mulher, eu devia era ter te deixado morrer naquela praia há sete anos, sua vaca. O que parecia ser libertação algemou os dois às brigas, ao filho, à impossibilidade de saírem daquilo. Ela se defende, joelha o meio das pernas dele. Ri, viadocorno, tu não é homem, tu é igual os outros. No quarto ao lado, Kauan anestesia-se na televisão, pai e mãe tão brincando de *Power Rangers* de novo.

---

[1] Rubens da Cunha, poeta, cronista, professor. Graduado em Letras pela Univille, mestrando em Literatura pela UFSC. Autor dos livros de poemas: Campo Avesso, Casa de Paragens, Vertebrais e do livro de crônicas Aço e Nada. Possui o blog literário www.casadeparagens.blogspot.com

Larga dessa vida! Marieta consola aquele homem tão bom pra ela, que se pudesse faria de graça para ele, homem forte, saudável que nem tu, sai disso, larga essa mulher, muda de cidade, o que te impede? solicita uma transferência no teu serviço Arnaldo, vou sentir tua falta, mas se é para ver você feliz até aguento. Ou quem sabe muda comigo, Marieta, só tu me entende. Te entendo porque tô aqui e tu vem de vez em quando, me paga, me come, fala comigo, a partir do momento que acabar nosso negócio, o negócio acaba, Arnaldo.

Noite toda a vida segue.

Ela dorme com o filho, antes pede para o menino contar uma história. O menino fala do mar, de um monstro marinho que salva pessoas para depois comê-las bem gordinhas. Arnaldo, numa tarde de sol, num domingo qualquer. A mãe é triste, né? O que aconteceu? Ela não quer chorar na frente do menino, é que tua mãe nunca conseguiu nadar perto das pedras. Kauan ri sem entender, se abraça nela e dormem. Arnaldo, insone, encostado na porta do quarto do filho, vê a mulher, onde a perdeu? Eu tirei ela de dentro do mar e coloquei na minha vida. Durante algum tempo, foi solar, azul mesmo, combinavam bem, enchiam-se de alegria e foram morar juntos.

Algo se rompeu. O nascimento do filho, as ausências dela. Ela me traiu, tenho certeza, me traiu. Só não digo que o filho não é meu porque o moleque é a minha cara, mas ela me traiu. O que eu faço, se saio daqui pra onde vou? minha vida se resume a isso. Inferno de vida. Ela se levanta, você tá aí? Voltou? o que vai ser da gente? não sei? a gente vai ter jeito, Arnaldo? A gente vai conseguir se libertar? Você quer? Você quer? E fecham a porta do quarto do filho com cuidado, e sem cuidado vão se despindo pelo apartamento, magoados, os hematomas visíveis, por dentro ela sabe que aquele corpo acabou de ser alisado por outra fêmea, Arnaldo sabe que aquele corpo vai estar sempre entranhado, estranhado no seu, por mais que passe pelas mãos de outro. Ela sabe que Arnaldo sempre será um talvez, mas sabe também que homem nenhum será mais do que isso, sabe também que não deixará de procurar, até que finalmente consiga nadar perto das pedras. Arnaldo sabe que a felicidade estaria se conseguisse tirar Marieta do puteiro, se fugissem dali e fossem viver de salvar vidas em Fortaleza ou Recife. Sabe também que o inferno é a parte de dentro e de fora de sua vida, que se há algum rescaldo de sossego é

quando ele e ela, o vício, a salvada, silenciam-se no amor feito dolorosamente nas madrugadas. Kauan dorme. Arnaldo e ela dormem.

Entre os três, fresta nenhuma ilumina o futuro.